

"O CARRASCO DO MÉXICO": CALLES, A REBELIÃO CRISTERA E A IMPRENSA CATÓLICA BRASILEIRA (1926-1929)

Talita Kelly Souza de Oliveira[1]
Luiz Carlos Luz Marques[2]

Resumo
Esta pesquisa teve como objetivo analisar o discurso que um dispositivo midiático católico, publicado no Rio Grande do Sul, difundiu no Brasil, em 1928, relativo às políticas públicas instituídas pelo presidente Plutarcho Elias Calles no México, na década de 1920. A Lei Calles, como ficou conhecida, tinha por objetivo o controle das expressões religiosas no País. O anticlericalismo da lei não foi aceito, pois, grande parte da população possuía formação católica, o que promoveu uma defensiva resposta ao governo. Essa reação deu origem a "rebelião cristera". Buscamos compreender os eventos ocorridos no México a partir de uma ótica externa, apresentando como a Igreja Católica brasileira, através de um de seus meios de comunicação, influenciou na construção de uma ideia/opinião "coletiva", em nosso país, a respeito da rebelião, e do processo que acarretou na sentença e execução do Padre jesuíta Miguel Agostín Pro e seu irmão Humberto. Utilizamos como fonte fascículos do periódico intitulado "O ECHO", observando as passagens referentes ao movimento e o juízo enfático adotado pela revista. Como referencial teórico utilizamos a perspectiva de biopoder, biopolítica e normatização do filosofo Michel Foucault. Como referencial metodológico, utilizamos a perspectiva da historiadora Tania Regina de Luca, para a análise dos periódicos.

Palavras-chave: Estado. Igreja. Poder.

"São as táticas de governo que permitem definir cada instante o que deve ou não competir ao Estado, o que é público ou privado, o que é ou não estatal etc.; portanto o Estado, em sua sobrevivência e em seus limites, deve ser compreendido com base nas táticas da governamentalidade"
(FOUCAULT, 2015, p. 430).

Porto Alegre, 15 de março de 1928

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Católica de Pernambuco. Bolsista do PIBIC-UNICAP. E-mail: tkso1998@gmail.com.
[2] Doutor em História. Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião e do Curso de Licenciatura em História da Universidade Católica de Pernambuco. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0026868525664989. E-mail: luiz.marques@unicap.br.



Na página 53, o periódico *O ECHO, Revista ilustrada para a mocidade brasileira,* relatou, pela primeira vez[3], a narrativa a respeito dos mártires católicos assassinados por forças do governo mexicano, durante o movimento conhecido como *Rebelião Cristera* (1926-1929). Sob o signo de "O carrasco do México" o então presidente mexicano, Plutarcho Elias Calles, foi 'apresentado' aos leitores do *ECHO* no Brasil. Nesta primeira aparição do movimento na revista, é dedicado uma matéria para a descrição pessoal, profissional e política do presidente, como podemos observar no fragmento abaixo: "Um abutre de repente se mostra nos ares sem ninguém saber donde veio. Desta forma apparece na história do desventurado México o seu actual presidente e opressor Plutarcho Elias Calles" (O ECHO, 1928. Ano XV. N. 2. 15 março. p. 53)[4].

Nesta matéria, é apresentada aos leitores a trajetória genealógica de Calles, com o intuito de afirmar como suas condutas e atitudes 'perversas' o acompanhavam desde o seu nascimento, alegando que "pelas veias de Plutarcho Elias Calles certamente não corre sangue mexicano" (O ECHO, 1928. Ano XV. N. 2. 15 março. p. 53). Deste modo, no Brasil, através de um dispositivo midiático católico, foi paulatinamente sendo criada uma alegoria em cima da imagem do presidente Calles, o "perseguidor da igreja"[5] emergia na mentalidade e no imaginário dos leitores do periódico. Para melhor compreendermos a construção desse discurso, faz-se necessário uma breve contextualização sobre o que foi o movimento mexicano.

Em 1926, grupos católicos armados (em sua maioria camponeses e rancheiros) se voltaram contra forças do Estado mexicano, reivindicando o fim das tomadas anticlericais do governo Calles. No ano subsequente esses grupos já haviam crescido consideravelmente e, apesar de não agirem de forma totalmente conjunta, adotavam para si uma mesma identidade, uma mesma ideia, auto identificando-se como os 'soldados' que defendiam a Igreja Católica. O grito de guerra *"Viva Cristo Rei!"* deu origem ao apelido dado pelos seus inimigos de

[3] Desenvolvendo-se nos fascículos dos meses subsequentes.
[4] Para todas as citações da Revista *O Echo* mantivemos o português dos anos 20-30.
[5] Termo utilizado entre aspas, pois se trata de uma definição católica. É importante salientar que revolucionários (1910-1940) combatiam a utilização do termo "perseguição religiosa", pois, afirmavam que se tratava do cumprimento das leis que eram descumpridas em recorrência, pelo clero.



cristeros, que posteriormente passaram a adotar com orgulho. Apelido este que, ao tornar-se emblemático, titulou o movimento de *rebelión de los cristeros* (SILVA, 2015, p. 5).

A "guerra" eclodiu quando o bispado mexicano autorizado pelo Vaticano suspendeu as atividades religiosas públicas no país. Esta decisão foi uma consequência da reforma do Código Penal, realizado no ano de 1926 pelo presidente Calles, dentro desta reforma incluía a *lei de tolerância de cultos*, que ficou conhecida popularmente como *Lei Calles.* Com esse dispositivo legal, o governo buscava colocar em prática os artigos anticlericais da Constituição revolucionária de 1917, que desde 1910 vinham sendo aplicadas por governos estaduais, causando revolta entre os membros do clero e os fiéis católicos. Entre as cláusulas aplicáveis da lei, destacamos que:

> A lei limitava o número de sacerdotes a 1 a cada 6 mil habitantes e estabelecia a necessidade de uma licença expedida pelo governo para o exercício da função de clérigo. Além disso, as mudanças no Código Penal tipificavam os crimes religiosos: clérigos que criticassem as leis ou o governo teriam de um a cinco anos de prisão; atos religiosos celebrados fora das igrejas seriam punidos; ficava proibido o uso de roupa ou qualquer indumentária que identificasse seu dono como membro da Igreja (SILVA, 2015, p. 6).

Em 1927, sem um julgamento formal, o padre católico jesuíta, Miguel Augustín Pro Juaréz, seu irmão Humberto e, mais dois jovens foram condenados e executados nas instalações policiais da cidade. Os quatro foram acusados de participação em um atentado falho contra o *caudilho* revolucionário, o ex-presidente e presidente eleito, Álvaro Obregón. (SILVA, 2015. p. 7)





162

espectadores, tirou de bolso uma medalha religiosa. Ao tropeçar com o corpo do padre, perguntou serenamente, onde devia collocar-se. Indicaram-lhe o espaço entre o sacerdote e o engenheiro. Com muita coragem e com a vista desvendada, fixa no céo, caía morto ao lado do seu irmão.

O último foi o trabalhador Antonio Tirado, tido em durissima prisão desde o dia do attentado. Vinha com passo mal seguro, sofrendo ainda as febres duma congestão pulmonar, contraída na prisão. O pobre moço começou a tremer, vendo os cadaveres dos fusilados e perguntou para onde o levavam. Apontaram-lhe secamente o fatídico paredão. A pergunta por seu último desejo, disse duas vezes: „Quero ver a minha mãe". O pedido lhe foi negado. Sem tirar a manta em que vinha envolto, recebeu a descarga. Dando ainda signaes de vida, foi preciso repetir-lhe o tiro de misericordia.

O martyr padre Pro, dando o **Viva a Christo Rei** nos momentos antes de receber a descarga mortífera.

Agora faltavam mais dois: Calles e Cruz, que, segundo a lei mexicana haviam merecido quatro vezes a morte, como autores de verdadeiros homicídios. Mas ninguem se atreveu a fazer-lhes justiça.

Terminada a tragedia, as forças militares se retiraram, deixando entrar as ambulancias, que deviam levar os cadaveres á camara ardente do hospital.

Ao sair para a rua aquelles despojos mortaes, toda a immensa multidão, que se aglomerava ao pé da inspecção, se ajoelhou em silencio o profundo respeito, tributando desde já aos heróes homenagens como a verdadeiros martyres.

Quando ainda não haviam acabado de arrumar os cadaveres, se apresentou no hospital um venerando ancião de setenta e cinco annos, perguntando: „Onde estão os meus filhos? Quero vel-os." Conduziram-no ao feretro do sacerdote. O ancião levantou a tampa e beijou devotamente o rosto do seu filho. Logo, descobrindo na fronte delle uma gota de sangue, tirou um longo, enxugando-a cuidadosamente

Figura 1: O ECHO. 1928. Ano XV. N. 5. 09 junho. p. 162

O padre Pro, como ficou conhecido, passou a ser lembrado e celebrado como mártir entre os católicos. Embora não tenha sido o primeiro ou o único padre assassinado durante o período revolucionário, o caso dele se tornou emblemático porque recebeu uma grande cobertura midiática, orquestrada e impulsionada por grandes nomes da política mexicana: Obregón era um ex-presidente e liderança revolucionária e Calles, o atual presidente, que um pouco mais a frente se tornaria o "Chefe Máximo da Revolução" (1928-1935), outro fator, foi o 'evento' ter acontecido na capital republicana. (SILVA, 2003, p. 7). Contudo, o "tiro saiu pela culatra", pois, as imagens produzidas, encomendadas pelo governo, se tornaram uma fonte poder que não foi desperdiçada pela Igreja, que as transformou em propagandas católicas de grande força e impacto, que circulou por todo o México. Como podemos observar abaixo:



> Na tarde do fuzilamento, as imagens de Pro e dos demais executados estamparam a capa dos jornais da cidade. Logo as fotos passaram a figurar em panfletos, cartões e material de propaganda de católicos, inclusive de textos que defendiam a rebelião armada. Surgiram também livros contando a história de vida de Pro, textos biográficos de traços hagiográficos que defendiam o sacerdote como mártir da perseguição religiosa (SILVA, 2003, p. 7).

Tendo apresentado brevemente o contexto histórico/político da época, podemos retornar ao cerne da nossa discussão, a problematização do exercício das políticas de governo sobre a vida dos sujeitos e, o uso do dispositivo midiático na elaboração e difusão dos discursos proferidos, pois, tanto Calles quanto a Igreja Católica se utilizaram de narrativas (sejam elas, orais, escritas ou imagéticas) para legitimar suas teses.

Dentro da concepção de *relações de poder* do filosofo francês Michel Foucault, podemos compreender como esses discursos normativos são formados e articulados dentro dessas sociedades, salientando que neste momento vamos propor uma relação México-Brasil. Tendo em vista que, ao convocar a imprensa mexicana para 'cobrir' o fuzilamento do padre Pro e dos demais, Calles pretendeu legitimar suas políticas governamentais, apropriando-se, do que Foucault vai conceituar como *Biopolítica*, pois, Calles passa a compreender que o princípio: poder matar para poder viver, que sustentava a tática dos combates, converteu-se no princípio de estratégia dos Estados, contudo, a existência em questão não é a jurídica, da soberania, mas a biológica, de uma população (FOUCAULT, p. 189).

Pois, segundo Foucault, a relação de poder com o sujeito, não é mais apenas uma forma de sujeição que permite ao poder tomar dos sujeitos seus bens, riquezas e, eventualmente, seu corpo e seu sangue, mas o poder exerce-se sobre os indivíduos, uma vez que eles constituem uma entidade biológica. Portanto, o poder não deve ser compreendido como negativo/repressivo, mas como positivo/produtivo, pois, é interesse do Estado, precisamente, utilizar essa população como máquina para produzir, para produzir riquezas, bens, para produzir outros indivíduos. (FOUCAULT, 2003, 193). Desse modo: "O descobrimento da população é, ao mesmo tempo que o descobrimento do indivíduo e do corpo adestrável, o outro núcleo tecnológico em torno ao qual os procedimentos políticos do ocidente se transformam" (FOUCAULT, 2003, p. 193).



Pois, para Foucault, a "*norma* é o que pode aplicar-se tanto a um corpo que se quer disciplinar como a uma população que se quer regularizar". Por conseguinte, uma sociedade normalizada não é, pois, uma espécie de sociedade disciplinar generalizada, cujas instituições disciplinares têm recoberto todo o espaço. Essa é só uma primeira interpretação da ideia de sociedade de normalização. Na prática é uma sociedade onde se interligam, a norma da disciplina e a norma da regulação (FOUCAULT, 2003, p. 225).

Como citado no início da discussão, no Brasil, as políticas extremistas e anticlericais do presidente Calles receberam muita atenção da mídia católica, principalmente entre os veículos midiáticos vinculados a "Boa Imprensa"[6], a circulação dessas imagens e discursos tomaram grandes proporções, pois, a mentalidade coletiva brasileira da época fundamentava-se nas premissas católicas e, na *invenção do cidadão de bem*[7], firmada no que Foucault vai conceituar como *poder pastoral,* ou seja, no controlo sobre indivíduo através da utilização dos 'sacramentos' da confissão/penitencia como instrumentos de normatização e regulação dos corpos; utilizando do medo como principal instrumento de coerção, para, utilizando uma expressão de Foucault, "docilizar os corpos", enraizando a ideia de que para ser um bom cidadão é necessário ser um bom católico.

A revista *O ECHO*[8] foi uma forte difusora dos acontecimentos do mexicanos, trazendo mensalmente menções e atualizações do que se passava por lá, com o intuito de condenar as ações do presidente Calles e, chamar atenção para 'o que poderia acontecer caso o Brasil fosse governado por um ateu/anticlerical'.

---

[6] "BOA IMPRENSA" era o termo utilizado para designar veículos midiáticos, como: jornais, revistas, panfletos, periódicos no geral, que propagavam o ideal católico. As outras imprensas eram vistas pela Igreja como: "Má Imprensa, que só faz difundir o pecado". Por isso, neste momento, toda inovação é encarada como eminentemente má e perigosa. Assim, diversos artigos, intitulados Boa Imprensa vão advertir para o caráter errôneo de se pensar que toda imprensa deve estar na mão dos leigos e apelar para que "sejam os fiéis advertidos da necessidade de ler e difundir a imprensa católica para se habituarem a julgar cristãmente todo e qualquer acontecimento" (BARTOLOMEOTTI, 1973. p. 01).

[7] Termo "invenção" utilizado a partir da concepção foucaultiana de que assim como a própria ideia de "homem" é uma invenção da modernidade, as suas variantes também são. Pois, para Foucault nada é natural, todos os conceitos são construído socialmente, portanto, em algum momento da história o conceito de "cidadão de bem" surge, é 'inventado' e através da proliferação dos discursos pelo exercício do poder vigente é afirmado, solidificado, passando a se tornar comum, ao ponto que a "tradição" torna-se 'ancestral' e sua origem deixa de ser questionada, passando a ser vislumbrada como 'natural' e 'verdadeira'.

[8] Fundada em 1914, sob a direção do Pe. Germano Middeldorf S.j., na cidade de Porto Alegre – RS. A redação se localizava no Gynnasio Municipal Anchieta.



Para compreendermos como funcionava a configuração dos discursos por ela difundidos, é necessário fazermos um breve balanceamento com os alguns dados básicos da composição da revista: a redação era feita por padres ou membros da igreja (sempre homens); seu público alvo eram rapazes e moças católicos de classe média/alta; em 1928, 14 anos após seu lançamentos, a revista já havia chegado, com assinaturas regulares, em 300 escolas católicas de todo o Brasil, contando uma tiragem que girava em torno de 4000 exemplares; o recebimento era mensal e, quanto a configuração estética da revista, é significativo salientarmos que o seu número de páginas era acumulativo, ou seja, cada mês era o complemento do seu antecessor, este modelo de enumeração era compreendido em um período de cerca de um ano (fevereiro-dezembro), e em janeiro do ano seguinte era compilado e ofertado um único exemplar.

A partir desses dados, podemos colocar os “óculos da ideologia” que a revista está transpassada para entendermos como esses discursos chegavam aos seus receptores. Como mencionado anteriormente, rapazes e moças no início de suas “vidas sociais”, que utilizavam a revista como um ‘manual’ em busca de reconhecimento na sociedade, eram os principais “alvos”. Com enunciados chamativos, “O carrasco do México”; “Caluniados, presos, fuzilados, glorificados”; “O martírio de um sacerdote mexicano”, entre os outros, esses jovens eram atraídos à leitura das matérias relacionadas ao caso mexicano. Para que, enaltecendo as figuras dos revoltosos e “mártires” desse movimento, esses jovens, o “futuro da nação”, desde cedo, incorporassem aos seus juízos de valores os ideais católicos e, defendessem as causas da Igreja.

Uma inquietação que surgiu ao longo desta análise, foi identificar qual a recepção da revista e dos valores por ela manifestado entre os seus receptores. Por isso, para construirmos um diálogo entre remetente – receptor e, explicitar ainda mais como a revista funcionava como um dispositivo do poder exercido pela Igreja Católica Apostólica Romana, trouxemos trechos de “respostas” e “opiniões” divulgados pela própria revista. Contudo, por serem relatos extraídos dos fascículos, estes, nos servem mais como material de análise do discurso de legitimação da revista, do que um “retrato” do real impacto social, político e cultural que a revista exercia. Como pode ser observado abaixo.



> **De um Revmo. Conego Premonstratense, do Gymnasio Municipal, em Jahú. S. Paulo:** E' um dia de grande alegria o da distribuição d'o Echo. Por todos os cantos do recreio os alumnos deliciam-se com os bellos artigos dessa revista. E com razão, porque é um verdadeiro primor, não só pela parte material como pela sã leitura que proporciona todos. Jahú, de agosto de 1927.
> **De uma Rev. Irmã de Caridade, em: Victoria, E. do Espírito Santo:** O Echo, essa interessante revista, talvez a mais apropriada para meninos e meninas estudantes, publicada em nosso Paiz. Victoria, 26 de agosto de 1927 (O ECHO 1, p. 25).

Desse modo, podemos observar, como o imaginário agregado ao simbólico atua de maneira incisiva, principalmente quando operado por uma instituição que exerce grande poder, como a Igreja Católica, disseminando um discurso doutrinário e normalizador sobre os corpos, para que, moldados, atendam aos seus interesses. É essa forma de controle que "garimpamos" nas páginas do periódico, revelando o que, mesmo não estando escondido, não era imediatamente percebido, em cada edição do "ECHO".

Em poucas palavras, a Igreja Católica através da revista, pretendia, utilizando-se de matérias relacionadas ao viés ideológico e religioso, além de temas relacionados à ciência, arte, lazer e cultura, insinuar aos seus leitores que dentro da comunidade católica há a completude dos anseios do homem, tanto físicos, espirituais e racionais.

Com isso, parafraseando o filosofo Michel Foucault, este artigo tratou-se de "sacudir as evidências", e primordialmente, "tornar visível o que está visível". Não há uma grande revelação acerca do movimento mexicano, um descobrimento surpreendente, mas, uma apresentação de fatos, evidências, acontecimentos, que já estavam as claras, mas que não foram anteriormente capturados.

Referências

BARTOLOMEOTTI, Pe. André. "**A Palavra do Papa** – Imprensa Católica: informar sem falsear, distrair sem degradar, orientar sem violentar". In: O Arquidiocesano: Órgão Oficial da Arquidiocese de Mariana. Ano XIV, número 698, 28 de janeiro de 1973. p. 01)

DANNER, Fernando. **O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault**. Revista Estudos Filosóficos nº 4 /2010 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967.



FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Ética, estratégia, poder-saber. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: A vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FURTADO, Rafael Nogueira. CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades, Fortaleza**, 16(3): 34-44, dezembro, 2016

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKS, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

O ECHO, 1928. Ano XV. N. 2. 15 março. Arquivos do Laboratório do Curso de Licenciatura em História, fundo Prof. Marques.

O ECHO, 1928. Ano XV. N. 3. 12 abril. Arquivos do Laboratório do Curso de Licenciatura em História, fundo Prof. Marques.

O ECHO, 1928. Ano XV. N. 5. 09 junho. Arquivos do Laboratório do Curso de Licenciatura em História, fundo Prof. Marques.

O ECHO, 1928. Ano XV. N. 6. 02 julho. Arquivos do Laboratório do Curso de Licenciatura em História, fundo Prof. Marques.

O ECHO, 1928. Ano XV. N. 7. 21 julho. Arquivos do Laboratório do Curso de Licenciatura em História, fundo Prof. Marques.

RIBAS, Ana Claudia. A boa imprensa, a política e a família: os discursos normatizantes no jornal o apóstolo (1929-1959). **Espaço Plural**. Ano XII. N. 24. 1º Semestre 2011. ISSN 1518-4196

SILVA, Caio pedrosa da. **Mártires de Cristo Rey**: revolução e religião no México (1927 – 1960). Campinas, SP: [s.n.], 2015.

SILVA, Caio pedrosa da. Memória mexicana: heróis e mártires na literatura cristera (México, 1929-2000). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011



SILVEIRA, Diego Omar. A peleja pela “Boa Imprensa”: reflexões sobre os jornais da Igreja, a Romanização dos costumes e a identidade Católica no Brasil. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**, UFOP, Ouro Preto, MG. 2013.